

Perfil da Automedicação em Crianças e Adolescentes atendidos em um serviço de Pronto-atendimento de um Hospital Municipal

Pedro Alberto Muffato¹; Clara Maryhá M. P. Muffato²; Alessandra Sanches Lopes³

1. Médico Residente de Medicina de Família e Comunidade do Hospital Universitário Júlio Müller/ UFMT; 2. Médica Residente de Anestesiologia do Hospital Geral Universitário/ UNIC; 3. Acadêmica de Medicina da Universidade Cristiana de Bolivia.

INTRODUÇÃO: A automedicação é caracterizada pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em utilizar um produto que acredita lhe trará benefícios no tratamento de doenças, independentemente de prescrição profissional. A Organização Mundial da Saúde, em algumas situações, a autoriza, contudo, há consenso de que esta prática deve ser evitada, pois a mesma pode ser acompanhada por reações adversas, alergias, interações medicamentosas, mascaramento de doenças evolutivas e atraso na busca do paciente/ responsável pelo tratamento adequado. Logo, o presente trabalho pretende apresentar um estudo sobre a automedicação praticada em crianças e adolescentes atendidos em setor de pronto-atendimento e pronto-socorro de um hospital municipal localizado em Tangará da Serra - MT. **MÉTODOS:** Estudo observacional, transversal, mediante a aplicação de um questionário direcionado a 91 responsáveis legais de crianças e adolescentes atendidos no setor de urgência e emergência do referido hospital, entre os meses de novembro e dezembro de 2016. **RESULTADOS:** Participaram do estudo 91 crianças e adolescentes, sendo 46 (50,5%) do sexo masculino. A faixa etária mais prevalente foi a dos escolares, correspondendo a 36,2% dos entrevistados, seguida pelos pré-escolares e lactentes. A queixa mais relatada pelo paciente/ responsável foi a febre, correspondendo a 40,7% dos casos, seguida pela tosse, vômitos e diarreia. O relato de automedicação antes da consulta foi constatado em 57 (62,6%) dos casos, sendo os medicamentos mais utilizados os analgésicos/antitérmicos (dipirona e paracetamol) e os anti-inflamatórios não-esteroidais. Os próprios pais/ responsáveis foram os que mais ofereceram o medicamento ao paciente. **CONCLUSÃO:** Constata-se que a automedicação é uma prática comum sobre crianças e adolescentes atendidos em pronto-atendimento. É papel do profissional do setor de urgência e emergência estar atento a esta prática e questioná-la em sua anamnese, com o objetivo de evitar sobredoses e interações medicamentosas em sua conduta terapêutica.

Palavras-chave: Automedicação; Pronto atendimento; Mascaramento de doenças.